

Reflexão crítica versus esterilidade dogmática na Escola de Frank- furt



DESDE UNS 15 ANOS para cá, verifica-se um movimento de reavaliação do legado intelectual contido na crítica da indústria cultural proposta por Theodor Adorno. Apesar de pouco influente nos círculos mais amplos que se interessam sobre a matéria, surge com ele e para quem sabe ler uma nova chave de entendimento do conceito e sua respectiva abordagem. Dentre outros esforços, nos quais tentamos incluir o nosso, pode-se mencionar os de Deborah Cook, Heinz Steinert, Blanca Muñoz, Peter Hohendahl, Robert Witkin, Miriam Hansen e Dieter Prokop.

Aparentemente não se inclui nessa tendência o trabalho “Teoria crítica da indústria cultural”, de Rodrigo Duarte. Durante muito tempo, essa teoria foi motivo de repetição mecânica, provocada por rituais acadêmicos, que levaram à sua completa reificação conceitual e esterilidade intelectual. Quem checar o volume em epígrafe, cremos, continuará tendo razão para reiterar os pronunciamentos sumários e simplistas a respeito do tema que circulam nessa direção, sobretudo entre os estudiosos dos fenômenos de comunicação.

Duarte é filósofo de ofício e bom conhecedor da obra de Adorno. As credenciais seriam recomendação especial do trabalho. O volume, todavia, não cumpre as expectativas. A exposição tem sobretudo o caráter extremamente cansativo de resenha das obras escolhidas para servirem de fontes. Às vezes, sentimo-nos remetidos aos textos que sobre o tema eram escritos nos anos 1970.

De resto, o comentário que as acompanha é similar em esquema, talvez não note o autor, aos que acompanham muitas trans-

Francisco Rüdiger*

missões de eventos pela televisão: repete-se o que um público atento pode apanhar por si mesmo e de maneira independente. O conteúdo em foco no exame é simplesmente reduplicado, pontuando-se o óbvio. As contradições e nuances do texto adorniano não são a floradas. O espólio intelectual é reduzido a texto homenageado e, portanto, tratado como matéria inerte, quando, no caso de ser tratado com os meios da boa filosofia, precisaria ser recriado crítica e inovadoramente.

O resultado é a conclusão pífia e afirmada em tom de reverência, convencionalmente escolar, segundo a qual "a crítica mostra-se hoje mais pertinente do que nunca, pois o aperfeiçoamento dos meios tecnológicos de produção, reprodução e difusão de mensagens visuais e sonoras permite o aprofundamento e a expansão dos métodos classificatórios e manipulatórios empregados pela indústria cultural" (p. 187).

Irrita-nos ver no livro expedientes que menos propõem uma reflexão crítica do que mimetizam os procedimentos da indústria cultural. Duarte ressalva logo de início que seu texto tem um cunho introdutório. Porém, pode-se, sem prejuízo, fazer uma exposição linear de um acervo de idéias que, em si mesmo, rejeita e protesta contra essa forma de pensamento? Afinal, Adorno escreveu ou não que "o pensamento que não se projeta para além de sua respectiva situação e seu respectivo consenso, mas apenas reproduz o existente, é estéril e não-progressista" ? (*A respeito da adequação histórica da consciência*, trad. inglesa de Wes Blomster, *Telos* 56, p. 97-103).

Deixando o primeiro e o último capítulos de lado, a obra se apresenta como série de fichas de leitura. Embora cuidadosas e bem detalhadas, elas se limitam a redizer o que está posto no material em exame por Duarte.

O primeiro capítulo pretende ser uma contextualização das origens da teoria crítica, mas o texto perde a mão e, a partir da metade, assume o caráter de resenha textual que tanto lhe marca as páginas. Os três cen-

trais resumem os trabalhos mais conhecidos sobre o assunto em foco. O último surpreende, primeiro, pela referência insistente, sem justificativa e sem a devida mediação analítica, crítica e reflexiva das idéias de Lash, Beck e Giddens.

Questões estranhas à crítica à indústria cultural adorniana aparecem neste capítulo derradeiro, sem se que saiba bem a razão e propriedade, a não ser pela afirmativa dogmática de que elas a ela podem ser aproximadas ou a de que elas a reatualizariam. O problema é que justaposição jamais serve de bom argumento ou legitimação da arbitrariedade textual, e o que não há nesta seção é bem informação atualizada.

Rodrigo Duarte envereda por territórios que visivelmente não conhece ou estudou pouco e, por isso tudo, sobre os quais se pronuncia com simploriedade. Aparentemente fascinado com os processos de concentração empresarial, crescimento do poderio econômico e expansão global que caracterizam as comunicações no final do século passado, o autor passa por alto, no sentido de não notar, o fato de que eles apenas expressam tendências do movimento social e do modo de ser humano na atualidade, impedindo-se de elaborar a reflexão que uma teoria crítica da sociedade o exigiria.

O autor pode ser bom filósofo, mas é bem análise, reflexão e comentário criativo que faltam em seu trabalho. Destarte, assiste-se com patetismo sua tentativa de oferecer um painel das atuais tendências da comunicação em referência às idéias dos teóricos da modernização reflexiva e do processo de globalização num livro sobre a Escola de Frankfurt.

Convertido em sociólogo da comunicação, o filósofo crítico revela-se pesquisador ingênuo, que lida com fatos carentes de atualização, de maneira abstrata ou desconexa e sem ajuda ou mesmo conhecimento das autoridades na matéria. A principal fonte de informações de que se vale para expor os recentes desenvolvimentos da cultura de massas é *Medien-Macht und Massen-*

Wirkung, de Prokop (1995).

Deixando de lado o fato de que essa não é a melhor obra para tanto, já que sua proposta é outra, ocorre que as informações mais recentes que ela traz são de 1993. Isto é, o volume oferece dados, pois é esse o ponto que - no caso - interessa, desatualizados em um decênio. Para ter adequadamente essa informação, bastaria, porém, consultar, entre outros, os trabalhos mais recentes de, por exemplo, Dênis de Moares, Robert McChesney, Vincent Mosco, Ignacio Ramonet e Dan Schiller.

Na bibliografia, há extensa lista de títulos e menções de autores. Ocorre, porém, que são poucos, muito poucos, os que comparecem no texto, seja para caucionar análises, seja para serem discutidos. Pode-se dizer que estão na lista “para bonito”, quando sua relevância no livro seria a de mostrar que a teoria crítica está viva porque ainda nutre um debate interno e externo a suas circunstâncias.

Sobre o problema do jazz em Adorno, por exemplo, existe vasta literatura, que o autor cita em sua mencionada listagem. Contudo, embora discuta os textos do filósofo sobre música popular, nunca os confronta com sua recepção. Fica pois no ar a suspeita de que essa não importa (porque o debate sequer é indicado) e, portanto, a insinuação de que o material referencial pode ser lido dogmaticamente.

A crítica da indústria cultural é tratada como um texto perene, que transcende a recepção reflexiva, a discussão intelectual e a reconstrução propositiva. O pensamento dialético que lhe é subjacente não é evidenciado. As contradições históricas que permeiam seu texto são silenciadas. O espólio não é reanimado, mas jogado mais fundo no esquife que lhe armaram os detratores e adversários simplistas.

Quem lê a obra sem conhecer o mínimo do assunto, sairá dela sem saber que suas idéias são motivo de disputa, que suas proposições são problemáticas, que suas teses vêm sendo reconstruídas. Quem a lê com preconceitos os verá confirmados, ao

invés de os ver confrontados ou, pelo menos, mediados reflexivamente pela apresentação de um verdadeiro debate intelectual. Desconhece-se na obra a arma de contra-ataque, que seria, talvez, a exposição dialogada de perspectivas divergentes sobre a problemática.

Como disse Adorno, “Il faut être absolument moderne” (Rimbaud) tornou-se o único imperativo moral após a desintegração do cosmo intelectual objetivo que provoca mais e mais o mundo capitalista. Por isso, professava ele a convicção de “que não pode haver intelectual responsável fora do âmbito desse imperativo”. Embora a regressão espiritual vigente nos obrigue a reiterar o óbvio, essa reiteração só adquire o cunho de resistência à situação dominante se a admitirmos como algo nosso e “que, tornando-a [a situação] inteligível, permitamos progredir para além dela” (op. cit., p. 98).

Creemos que essa máxima vale para todos nós, que estamos sujeitos ao movimento da indústria cultural, tanto quanto para aqueles poucos que, sem estar fora disso, atualmente podem pensar com alguma liberdade e, portanto, podem assumir uma atitude crítica e reflexiva sobre os processos históricos que, como o aqui citado, instituem nossa sociedade.

Duarte, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2003.

Notas

* Doutor em ciências sociais (USP) e Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.